O texto como versão interlinear do comentário[1]

Furio Jesi

Tradução de Vinícius N. Honesko

Enviado em: 18/07/2018
Aprovado em: 20/07/2018

"A natureza é triste porque é muda. Mas é a inversão dessa afirmação que penetra ainda mais a fundo na essência da natureza: é a tristeza da natureza que a torna muda. Vive, em toda tristeza, a mais profunda tendência ao silêncio, e este é infinitamente mais do que uma incapacidade ou aversão a comunicar. O que é triste se sente inteiramente conhecido pelo incognoscível."[2] Procedendo como Benjamin ensinou, portanto, tratando "um texto literário [aquele de Benjamin que aqui é citado] do mesmo modo com que os comentadores medievais tratavam a Bíblia"[3], é lícito observar que a "versão interlinear"[4] da frase a que aqui se faz referência se encontra nos primeiros dois versos da *Lorelei,* de Heine:

> Ich weiß nicht, was soll es bedeuten
> Daß ich so traurig bin.
>
> Não sei o que deva significar
> Que eu esteja tão triste.

---

1 Publicado originalmente em *Caleidoscopiobenjaminiano.* Roma: Istituto Italiano di Studi Germanici, 1987. Org.: Enzo Rutigliano e Giulio Schiavoni. pp. 217-220.

2 BENJAMIN, Walter. *Sullalingua in generale e sullalinguadegliuomini*, in.: BENJAMIN, Walter. *AngelusNovus. Saggi e frammenti*, trad. eintrod. di R. Solmi, Torino, Einaudi, 1962, pp. 65-66. (Trad. brasileira: *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In.:* BENJAMIN, Walter. *Escritos sobe mito e linguagem.* Org. Jeanne Marie Gagnebin, trad.: Susana Kampf Lages e Ernani Chaves, São Paulo, 34/Duas cidades, 2011. pp. 70-71. "Por ser muda, a natureza é triste e se enluta. Mas é a inversão dessa frase que penetra ainda mais fundo na essência da natureza: é a tristeza da natureza que a emudece. Em todo luto, há uma profunda inclinação para a ausência de linguagem, o que é infinitamente mais do que uma incapacidade ou uma aversão a comunicar. Assim, aquilo que é triste sente-se conhecido de parte a parte pelo incognoscível.") Pareceria uma citação de Rilke, mas por uma simples razão de datas não o pode ser: deve ser praticamente excluído o fato de Benjamin conhecer naquele tempo as ainda inéditas cartas de Rilke a X. Kappus (as chamadas *Cartas a um jovem poeta*); e os *Sonetos a Orfeu* ainda não haviam sido escritos.

3 A observação de Adorno é citada por R. Solmi na introdução de *Angelus Novus,* p. X.

4 BENJAMIN, Walter. *Il compito del traduttore*, in.: BENJAMIN, Walter. *Angelus Novus* cit., p. 50: "La versione interlineare del testo sacro è l'archetipo o l'ideale di ogni traduzione". ["A versão interlinear do texto sagrado é o arquétipo ou o ideal de toda tradução"]. (trad.: brasileira: *A tarefa do tradutor. In.:* BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.* p.119.)

As traduções correntes em geral omitem o correspondente literal daquele *sollen* (Não sei o que signifique [...]) ou apenas traduzem o sentido de uma forma em alemão tão costumeira de modo elegante e menos pesado (Jamais sei o que significa [...]). Mas a passagem de Benjamin encontra sua versão interlinear em Heine apenas se não se deixa escapar o "dever", *sollen,* o qual, mesmo que à escuta fique mais pesado do que o necessário, indica a contraposição clara entre o estar "triste", *traurig,* e o "significar", *bedeuten.* Estar triste é o oposto de dever significar, no sentido de *bedeuten.* "Vive, em toda tristeza, a mais profunda tendência ao silêncio", e *bedeuten* é um "significar" que exclui o silêncio: um silêncio pleno de significado, um silêncio significante ou significativo não é o verdadeiro silêncio de que fala Benjamin, é apenas o silêncio de quem poderia ou gostaria de falar, mas não pode ou não quer fazê-lo. O silêncio de que fala Benjamin é a forma profunda do lamento e "o lamento é a expressão mais indiferenciada e impotente da língua, que contém quase que apenas o suspiro sensível"[5]: se *esse* silêncio se tornasse voz, seria lamento e, por isso, algo ainda mais distante do significar do que o puro silêncio. O verdadeiro lamento no qual consiste a *Lorelei* de Heine é privado de significado e é contra o significar; "contém quase que apenas o suspiro sensível", e aquilo que contém além do suspiro sensível é a negação objetiva, em absoluta "coisidade", da possibilidade de que o suspiro sensível, no lamento, signifique.

Somente assim pode ser verdade o naufrágio que aparentemente conclui a lírica de Heine, e de fato assim o é desde o primeiro verso. Aquilo que Benjamin considerou como grande e subversivo na crítica literária é justamente isto: o exemplo de uma inversão dos termos, por meio da qual o ensaio se torna não pretexto, mas espaço privilegiado no qual o texto por excelência, canônico, clássico, pertencente ao passado, se faz versão interlinear de um texto sagrado, que é o texto do ensaio. Assim, "articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja em um instante de perigo".[6] No entanto, é um exemplo (e o reconhecimento

5 BENJAMIN, Walter. *Sullalingua in generale...* p. 65. (Trad. brasileira: *Sobre a linguagem em geral...* p. 70. "mas o lamento é a expressão mais indiferenciada, mais impotente da linguagem; ele contém quase só o suspiro sensível;")

6 BENJAMIN, Walter. "Tesidi filosofia dellastoria"*in.* BENJAMIN, Walter. *Angelus Novus. Op.* cit. p. 74. (trad. brasileira: BENJAMIN, Walter. "Teses sobre o conceito de história" *In.* LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história".* São Paulo: Boitempo, 2005. Trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. p. 65. "Articular o passado historicamente não

de um privilégio) assinalado pela tristeza, aquela mesma que Benjamin, de modo contraditório, indica na origem do "procedimento com o qual o materialismo histórico" e ele próprio "romperam"[7]. Essa contradição é o verdadeiro sentido exemplar das *Teses de filosofia da história* como desmentido do *continuum* e, no mesmo sentido, também exemplar, como apólogo, é o som – "quase que apenas o suspiro sensível" – da escrita do ensaísta, que consegue fazer da própria página o espaço tristemente privilegiado no qual o passado se torna, em sua "coisidade", versão interlinear do presente: "Apenas *aquele* historiador que está perpassado pela ideia de que *também os mortos* não estarão seguros diante do inimigo, se este for vitorioso, tem o dom de atear ao passado a centelha da esperança. E esse inimigo não tem cessado de vencer."[8] Quando um homem morre, por um instante, diante dos olhos dos vivos, seu corpo verdadeiro é assumido por um corpo falso: depois este também desaparece e de visíveis restam apenas as cinzas. O perigo – diz Benjamin – é escolher ou apenas tristeza ou apenas o *Hino de alegria:* "O perigo ameaça tanto o patrimônio da tradição quanto aqueles que o recebem".[9] "Ao conceito de um presente que não é passagem, mas que é estanque e imóvel, o materialista histórico não pode renunciar (...) O historicismo postula uma imagem 'eterna' do passado, o materialista histórico uma experiência única com este. Ele deixa que outros gastem as próprias forças com a meretriz 'Era uma vez' no bordel o historicismo".[10] O lamento privado de significado de Heine é o eco de um *Märchen* que "não sai da cabeça". Apenas se o significar é abandonado o "Era uma vez", como puro lamento, torna o homem, no naufrágio, "senhor de suas forças: homem o bastante (...).[11]

---

significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo.")

7 *Idem.* p. 75. (trad. brasileira: *Idem.* p. 70)

8 *Idem.* p.74-75. (trad. brasileira: *idem.* p. 65. "O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente *àquele* historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer.")

9 *Idem.* p. 74. (trad. brasileira: *idem.* p. 65. "O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários.")

10 *Idem.* p. 81. (trad. brasileira: *idem.* p. 128. "O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*). O Historicismo arma a imagem 'eterna' do passado, o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única. Ele deixa aos outros se desgastarem com a prostituta 'era uma vez' no prostíbulo do Historicismo.")

11 *Idem.* (trad. brasileira: *idem.* "Ele permanece senhor de suas forças: viril o bastante...")

Nota ao texto

O texto como versão interlinear do comentário foi publicado postumamente no volume, aos cuidados de Enzo Rutigliano e Giulio Schiavoni, *Caleidoscopio benjaminiano* (Roma: Istituto italiano di studi germanici, 1987, pp. 217-220). Com base no epistolário de Jesi, parece-nos possível datar sua escrita, com certa precisão, no início de 1980. Em 28 de janeiro desse ano, Jesi assim responde a Tito Perlini, que o havia convidado para colaborar em um volume sobre Benjamin e sua fortuna italiana:

> Caro Tito,
> eis uma nota um pouco extravagante sobre Benjamin, meu único modo de responder ao 'o que você acha?'.
> Minha única contribuição explícita (e com certo número páginas) no estudo de W.B. é o capítulo de *Mito* sobre o qual você havia comentado. Por extremo escrúpulo bibliográfico, anexo uma ficha na qual elenquei algumas de minhas reflexões (!) não ocasionais sobre Benjamin.

A "ficha" não foi conservada entre as cartas de Jesi, enquanto a "nota um pouco extravagante" (a expressão lembra aquela usada certa vez por Jesi a respeito de seu *Spartakus. Simbologia da revolta*[12]*:* "é completamente 'fora de tema'") nos parece reconhecível no texto, o qual segue, de fato, uma verdadeira recapitulação teórica do intenso e constante confronto com Benjamin que já durava um decênio. Se à "contribuição explícita" do capítulo 4.5 de *Mito,*[13] dedicado à polêmica de Benjamin contra às reabilitações reacionárias de Bachofen, podemos hoje colocar ao lado somente um importante fragmento do mesmo período (publicado com o título *Ermetismo di Benjamin,* na revista "Cultura tedesca", número monográfico dedicado a Furio Jesi, organizado por Giorgio Agamben e Andrea Cavalletti, 12, 1999, pp. 145ss), é possível aqui recordar que já em 1971 Jesi propunha à editora Ubaldini um volume sobre Benjamin para a série "Che cosa ha 'veramente' detto".[14] Por outro lado, escreverá (depois de *Rousseau,* 1972) um *Pascal* (1974), no qual a referência às *Teses de filosofia da história* tem um papel central, assim como em outros textos escritos entre 1973 e 1976 (por exemplo, o grande ensaio sobre *Bachofen* – Torino: Bollati Boringhieri, 2006 – ou o

12 *Cf.:* JESI, Furio. *Spartakus. Simbologia da revolta.* São Paulo: N-1, 2018. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko.
13 JESI, Furio. *Mito.* Milano: Arnoldo Mondadori, 1973.
14 N.T.: *O que "verdadeiramente" disse.*

não menos importante *Conoscibilità della festa,* republicado em *Il tempo della festa* – Roma: Nottetempo, 2013). É inspirando-se no modelo benjaminiano da montagem de citações que Jesi constrói seus ensaios e elabora uma teoria pessoal do "conhecimento por composição". A partir de 1976 (ano de *Esoterismo e linguaggio mitologico*[15]), ele se concentra e reflete sobre o texto de 1921, *Para uma crítica da violência,* e, sobretudo, sobre os grandes ensaios *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* e *A tarefa do tradutor:* seu último projeto, o livro *Traduzione e duplicità dei linguaggi,* do qual restam apenas alguns capítulos e materiais preparatórios, é também uma original retomada desses últimos textos sob o signo da equivalência "pura língua" (*reine Sprache*) – "mito".

Andrea Cavalletti.

15 Agora em: JESI, Furio. *Esoterismo e linguaggio mitologico.* Macerata: Quodlibet, 2002.